

Capítulo 6

ANÁLISE E SÍNTESE DOS DADOS

Nesta etapa da revisão sistemática, agrupamos os dados extraídos dos estudos primários de acordo com o tipo de ditongo oral estudado: [aj], [ej] e [ow] e desenvolvemos o estudo comparativo. Em cada um dos três agrupamentos, nas seções 6.1, 6.2 e 6.3, comparamos e analisamos (i) os percentuais de aplicação da regra de monotongação, considerado a cidade, ou cidades abrangidas pelo estudo – quando utilizamos medidas estatísticas de tendência central (média aritmética) e de dispersão (desvio absoluto e desvio médio absoluto) que, apesar de não serem medidas especificadas pelo método *Cochrane*, possibilitam o cálculo de uma taxa média de aplicação da regra e, ao mesmo tempo, evidenciam a variabilidade que caracteriza os dados; (ii) as variáveis predictoras (independentes) selecionadas como sendo significativas em, minimamente, 40% dos estudos – a fim de dispormos de uma quantidade mínima de dados com os quais cada resultado possa ser comparado; e (iii) o efeito dos fatores componentes dessas variáveis, fornecido pelo seu peso relativo em cada estudo. Esses dados são organizados em tabelas que seguem um mesmo padrão de *layout*. Por fim, na seção 6.4, sintetizamos os resultados elaborando um quadro unificado da monotongação de cada ditongo oral ([aj], [ej] e [ow]) no PB.

A síntese dos dados não é realizada por meio de uma meta-análise devido à falta de homogeneidade entre os estudos primários, já que alguns deles analisam dados de fala obtidos de entrevistas sociolinguísticas de fala espontânea, mas outros utilizam diálogos entre dois informantes (D2), elocuições formais (EF) (PALLADINO NETTO, 1995; ARAÚJO, 2000; CYSNE, 2016) e questionários (FARIAS, 2008; SANTOS, 2012). Ademais, os estudos consideram, em suas análises estatísticas, diferentes variáveis predictoras. Sem

mencionar que, quando analisam as mesmas variáveis predictoras, em alguns casos, estas são codificadas de forma diferente em cada estudo. Enquanto um estudo analisa a variável predictor *Classe gramatical da palavra* organizando-a em dois fatores (*verbo* e *não-verbo*) (TOLEDO, 2011), por exemplo, outros trabalhos organizam essa mesma variável em quatro fatores (*substantivo*, *adjetivo*, *numeral* e *verbo*) (FARIAS, 2008; SANTOS, 2012).

Isto posto, apontamos que há oito variáveis as quais foram selecionadas como sendo significativas em, pelo menos, 40% das análises de cada tipo de ditongo ([aj], [ej] e [ow]), cujos resultados – obtidos em cada estudo – são examinados, comparativamente, neste capítulo:

1. *Contexto fonológico seguinte*: A análise dessa variável permite que se verifique se o elemento imediatamente após o ditongo exerce algum efeito sobre a aplicação da regra de monotongação. Comumente são examinados os seguintes fatores: as consoantes, que podem ser agrupadas de acordo com o modo e/ou ponto de articulação, as vogais, e as pausas.
2. *Contexto fonológico precedente*: O controle dessa variável busca averiguar se o elemento imediatamente antes do ditongo exerce algum efeito sobre a aplicação da regra de monotongação. Comumente são examinados os seguintes fatores: as consoantes, que podem ser agrupadas de acordo com o modo ou ponto de articulação e as vogais.
3. *Tonicidade da sílaba*: O controle dessa variável permite verificar se a monotongação sofre influências do acento na sílaba em que ocorre o ditongo. Em geral, as palavras são separadas em dois grupos, de acordo com o tipo de sílaba

do ditongo: tônica ou átona.

4. *Natureza morfológica do ditongo*: Variável que se refere à localização do ditongo na estrutura morfológica da palavra, ou seja, o tipo de morfema em que ocorre o ditongo. Geralmente, considera-se o *locus* do ditongo encontrando-se na base ou no sufixo da palavra, a fim de verificar se o tipo de morfema, em que está o ditongo, influencia a aplicação da regra de monotongação.
5. *Classe gramatical da palavra*: Permite observar se a aplicação da regra estaria condicionada à classe gramatical da palavra em que se encontra o ditongo. As principais classes controladas são: substantivo e verbo, numeral e advérbio.
6. *Número de sílabas da palavra*: Esta variável permite averiguar efeito da quantidade de sílabas da palavra que contém o ditongo sobre a monotongação, sendo consideradas as seguintes possibilidades: monossílaba, dissílaba, trissílaba e polissílaba.
7. *Nível de escolaridade dos informantes*: Permite que se verifique o efeito do nível de escolaridade dos informantes sobre a aplicação da regra de monotongação. Os níveis analisados, geralmente, são: não escolarizado, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior.
8. *Tipo de registro*: Variável situacional que permite a verificação do efeito do nível de formalidade do contexto sobre a aplicação da regra de monotongação. Os três tipos de gravação analisados são: diálogo entre dois informantes

(D₂), diálogo entre informante e documentador (DID) e elocuições formais (EF). O primeiro tipo (D₂) é o menos informal, o segundo (DID), apresenta um grau intermediário de formalidade e o terceiro (EF) é o mais formal, visto que, ocorre em ambientes formais com certo grau de planejamento (cf. ARAÚJO, 2000).

Com isto, vamos à análise de cada um dos tipos de ditongos.

6.1 Análise dos dados sobre a monotongação do ditongo [aj]

A monotongação do ditongo [aj] foi analisada em cinco dos estudos primários desta revisão sistemática, contudo, em Cabreira (1996) e Carvalho (2007) não há uma análise individual, do ditongo em questão, que produza dados comparáveis com os dos demais estudos, assim, temos dados de apenas três trabalhos. Examinamos, primeiramente, os percentuais de aplicação da regra de monotongação, em cada estudo, considerado a área geográfica, mais especificamente, a cidade abrangida pelo estudo e, na sequência, as variáveis testadas e selecionadas como significativas em, pelo menos, dois dos três estudos – de forma a dispormos de dados, de, no mínimo, mais um estudo, com os quais cada resultado possa ser comparado –, e o efeito, sobre a monotongação de [aj], dos fatores componentes dessas variáveis, fornecido pelo seu peso relativo, em cada estudo.

A tabela 15 apresenta os percentuais de aplicação da regra de monotongação, do ditongo [aj], verificados em cada cidade, além do cálculo da média aritmética (MA) entre os percentuais, o desvio absoluto (DA) de cada percentual em relação à média, além do desvio médio absoluto (DMA).

Tabela 15: Taxa de aplicação da regra de monotongação do ditongo [aj]
por cidade

Autor (ano)	Região geográfica abrangida	Taxa de aplicação da regra por cidade	Desvio absoluto
Silva (1997)	João Pessoa-PB	8% (209/2738)	18%
Araújo (2000)	Fortaleza-CE	16% (123/747)	10%
Freitas (2017)	Uberaba-MG	51% (21/41)	25%
		MA: 26%	DMA: 18

Os três trabalhos que investigaram a realização variável do ditongo [aj] foram realizados em cidades da região nordeste e sudeste. A taxa de aplicação da regra de monotongação foi mais alta em Fortaleza do que em João Pessoa, mas se calculássemos a média entre essas duas cidades, o valor seria 12% e as duas taxas teriam um desvio absoluto de apenas 4 pontos percentuais em relação a essa média. Todavia, a taxa de aplicação da regra, constatada no estudo de Freitas (2017), em Uberaba, é muito mais alta, se configurando como um *outlier*, isto é, um valor que se diferencia muito dos outros e faz com que a média entre esses valores seja bem superior à média entre os percentuais verificados por Silva (1997) e Araújo (2000) e, ainda assim, é o valor que possui o maior desvio absoluto em relação à média (25 pontos percentuais), indicando, dessa forma, que a amostra pode não estar refletindo o comportamento da população, nesse caso a cidade mineira Uberaba. Tal hipótese é reforçada pelo tamanho da amostra, significativamente, menor (apenas 41 ocorrências) do que as amostras analisadas nos outros dois estudos. Assim sendo, e dado que temos dados de apenas três estudos primários, não consideraremos uma taxa média de aplicação da regra de monotongação do ditongo [aj].

Isto posto, vamos à análise comparativa das variáveis selecionadas, como relevantes em, pelo menos, dois estudos, nomeadamente, *Contexto fonológico seguinte*, *Contexto fonológico precedente* e *Tonicidade da sílaba*.

Tabela 16: Efeito dos fatores da variável Contexto fonológico seguinte nos estudos sobre a monotongação do ditongo [aj]

Autor (ano)	Fatores da variável	Percentual de aplicação da regra	Peso relativo (P.R.)
Silva (1997)	Fricativa [ʃ]	91% (182/199)	.89
	Lateral [l]	25% (2/8)	.12
	Fricativa [x]	19% (25/134)	.07
Araújo (2000)	Fricativa [ʃ]	81% (114/140)	.92
	Vogais	7% (9/125)	.06

A tabela 16 mostra que, nos estudos, a fricativa [ʃ] é o único contexto fonológico seguinte que favorece a monotongação de [aj] com pesos relativos próximos a 1 (.89 e .92), sendo condicionante para aplicação da regra. Os fatores lateral [l], fricativa [x] e vogais aparecem como desfavorecedores ou bloqueadores categóricos da aplicação da monotongação. Em Silva (1997) a monotongação só foi constatada diante da lateral [l] e da fricativa [x] em dois únicos itens lexicais: *baile* e *bairro*. No caso do contexto seguinte *vogais*, em Araújo (2000), a monotongação foi verificada, apenas, em duas palavras: *saia* e *maior*, ocorrendo uma única vez na primeira e oito vezes na segunda. Nos demais contextos a monotongação foi bloqueada categoricamente. Silva (1997) discriminou os seguintes contextos fonológicos seguintes como sendo bloqueadores da aplicação da regra: [s], [m], [k], [v], [d], [t], [p], [b], [ʌ], [f], [n], [ʒ], [r], [g], vogais e pausa, os quais coincidem, em sua maioria, como os especificados por Araújo (2000): [h], [v], [s], [b], [d], [r], [n], [f], [m], [t], [z], [p], [l], [k] e pausa. Freitas (2017) apontou, como contextos bloqueadores da monotongação, as oclusivas e as vogais.

Tabela 17: Efeito dos fatores da variável Contexto fonológico precedente sobre a monotongação do ditongo [aj]

Autor (ano)	Fatores da variável	Percentual de aplicação da regra	Peso relativo (P.R.)
Silva (1997)	Oclusiva [k]	47% (17/36)	.90
	Fricativa [f]	93% (13/14)	.86
	Oclusiva [b]	55% (131/237)	.78
	Oclusiva [p]	11% (48/426)	.29

Araújo (2000)	Oclusiva [b]	84% (69/82)	.57
	Nasal [m]	8% (8/100)	.57
	Fricativa [s]	6% (1/17)	.56
	Oclusiva [k]	82% (23/28)	.53
	Fricativa [f]	72% (13/18)	.33
	Oclusiva [p]	45% (9/20)	.10

Observando a tabela 17, percebemos que os percentuais de aplicação da regra e os pesos relativos não estão muito bem alinhados, nos estudos, sobretudo, no caso dos fatores [f], [m] e [s], em Araújo (2000) e [k] em Silva (1997) o que pode indicar uma interação entre esta variável *Contexto fonológico precedente* e outra variável independente que também influenciou a monotongação de [aj] nos estudos, o que, em ambos os estudos, foi confirmado. Ao fazerem o cruzamento das variáveis: *Contexto fonológico seguinte* e *Contexto fonológico precedente*, as autoras dos dois trabalhos, verificaram uma interação entre as duas variáveis e apontaram a existência de uma sobreposição do efeito da primeira variável sobre a segunda. Ou seja, segundo as autoras, na verdade, é o *Contexto fonológico seguinte* que determina aplicação da regra de monotongação do ditongo [aj], e não o *Contexto fonológico precedente*.

Os dados mostram os maiores percentuais de monotongação para os fatores: [f] (93% e 72%), [b] (55% e 84%) e [k] (47% e 82%) e tais índices ocorrem em palavras como *faixa*, *baixo* e *caixa*, nas quais o contexto fonológico seguinte é a fricativa [ʃ], um fator condicionante para a aplicação da regra. As duas autoras, constatam que a monotongação só ocorre diante desse contexto fonológico seguinte (SILVA, 1997, p. 77; ARAÚJO, 2000, p. 77), o que também foi verificado por Cabreira (1996). Em Silva (1997) diante dos fatores, da variável *Contexto fonológico precedente*, [m], [r], [v], [x], [g], [s], [d], [z], [t], [n] e vogais o ditongo foi mantido de forma categórica. Em Araújo (2000) os contextos em que a manutenção do ditongo foi categórica foram: [v], [n], [r], [t], [d], [ʒ], [g], [ɦ].

Tabela 18: Efeito dos fatores da variável Tonicidade da sílaba sobre a monotongação do ditongo [aj]

Autor (ano)	Fatores da variável	Percentual de aplicação da regra	Peso relativo (P.R.)
Silva (1997)	Pretônica	48% (79/164)	.93
	Tônica	5% (130/2574)	.46
Freitas (2017)	Tônica	87% (13/15)	.90
	Átona	69% (8/26)	.21

A tabela 18 indica um comportamento oposto nos dois estudos, enquanto em Silva (1997) as sílabas pretônicas, favorecem a aplicação da regra de monotongação e as sílabas tônicas a desfavorecem, em Freitas (2017) há um comportamento inverso, com as tônicas favorecendo a monotongação e as átonas desfavorecendo-a. Silva (1997) atribui seus resultados a presença dos vocábulos monossílabos *pai*, *vai* e *sai*, nos quais a monotongação é bloqueada categoricamente, ou seja, a frequência desses itens lexicais pode ter contribuído para este resultado. Contudo, os resultados de Freitas (2017), como sugerido, anteriormente, foram baseados na análise de uma amostra muito pequena (41 ocorrências) e podem não estar refletindo o comportamento da população, nesse caso, a cidade Uberaba, e a taxa percentual de aplicação da regra de monotongação nesse estudo (51%) indica que a frequência de itens lexicais bloqueadores da monotongação é baixa, o que explicaria seus resultados. Como a variável *Tonicidade da sílaba* só foi significativa nesses dois estudos, não podemos fazer generalizações quanto à influência dessa variável sobre a monotongação do ditongo [aj]. Na próxima seção analisamos os resultados dos estudos sobre a monotongação do ditongo [ej].

6.2 Análise dos dados sobre a monotongação do ditongo [ej]

A monotongação do ditongo [ej] foi analisada em todos os

trabalhos incluídos nesta revisão sistemática (doze), porém, em Cabreira (1996) e Carvalho (2007) não há uma análise individual do ditongo em questão que produza dados comparáveis com os dos demais estudos. Dessa forma, nesta seção, dispomos de dados de dez trabalhos. Inicialmente, analisamos os percentuais de aplicação da regra de monotongação em cada estudo considerando a cidade, ou cidades, abrangidas pelo estudo e, na sequência, as variáveis testadas e selecionadas como sendo significativas em, no mínimo, quatro (40%) dos dez estudos – de modo a termos dados, de pelo menos mais três estudos, com os quais cada resultado possa ser comparado. Por fim, discutimos o efeito, sobre a monotongação de [ej], dos fatores componentes dessas variáveis, fornecido pelo peso relativo, de cada um, nos estudos primários.

A tabela 19 apresenta os percentuais de aplicação da regra de monotongação, do ditongo [ej], verificados em cada cidade, além do cálculo da média aritmética (MA) entre os percentuais, o desvio absoluto (DA) de cada percentual em relação à média, além do desvio médio absoluto (DMA).

Tabela 19: Taxa de aplicação da regra de monotongação do ditongo [ej] por cidade

Autor (ano)	Região geográfica abrangida	Taxa de aplicação da regra por cidade	Desvio absoluto
Palladino Netto (1995)	Rio de Janeiro-RJ	47% (668/1427)	14
Silva (1997)	João Pessoa-PB	44% (2150/4902)	17
Araújo (1999)	Caxias-MA	47% (615/1305)	14
Araújo (2000)	Fortaleza-CE	58% (1480/2562)	3
Lopes (2002)	Altamira-PA	54% (782/1456)	7
Farias (2008)	Belém-PA	48% (180/374)	13
	Jacareacanga-PA	58% (92/159)	3
	Soure-PA	63% (120/192)	2
	Bragança-PA	76% (110/144)	15
Toledo (2011)	Porto Alegre-RS	37% (667/1791)	24

Santos (2012)	Belém-PA,	59% (164/276)	2
	Boa Vista-RR	65% (236/364)	4
	Porto Velho- RO	77% (236/305)	16
	Rio Branco-AC	77% (239/312)	16
	Macapá-AP	78% (302/387)	17
	Manaus-AM	79% (325/413)	18
Cysne (2016)	Fortaleza-CE	68% (1020/1491)	7
Freitas (2017)	Uberaba-MG	64% (500/779)	3
		MA: 61%	DMA: 11

A tabela 19 indica que os maiores percentuais de aplicação da regra ocorrem em cidades da região norte (77%, 78% e 79%) do país e o menor no sul (37%). Considerando a média aritmética das taxas percentuais de aplicação da regra de monotongação (61%), o DMA mostra que os percentuais distam da MA, em média, 11 pontos percentuais, indicando uma alta variabilidade nos dados.

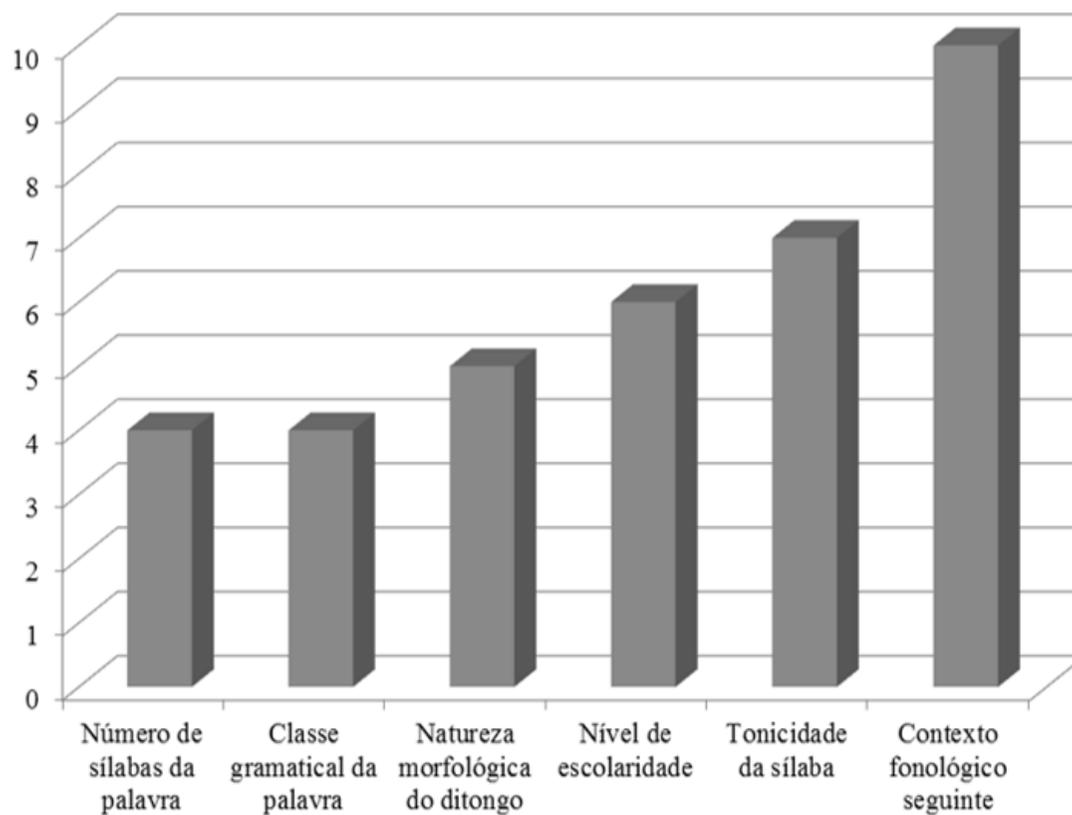
O maior valor de desvio absoluto é o de Porto Alegre-RS (24 pontos percentuais) que possui a menor taxa de aplicação da regra (37%). Já os outros três, são de cidades do norte e nordeste, nomeadamente, Manaus-AM (18 pontos percentuais) e Macapá-AP (17 pontos percentuais), que possuem as maiores taxas de monotongação, 78% e 79% e João Pessoa-PB (18 pontos percentuais), com uma das menores taxas de monotongação. Por fim, os menores desvios absolutos foram constatados em cidades do Norte: Soure-PA (2 pontos percentuais) e Belém-PA (2 pontos percentuais). Esses dados numéricos indicam uma variação diatópica, uma vez que é possível verificar a presença maior ou menor do fenômeno investigado em diferentes cidades, (cf. CARDOSO, 2010) e evidenciam a importância da variável *Localidade geográfica* no estudo da monotongação do ditongo [ej] no PB.

Além disso, os dois estudos que analisaram o fenômeno em Fortaleza-CE (ARAUJO, 2000; CYSNE, 2016), ambos trabalhando com dados do NURC, os quais incluem, em suas análises, DID, D2 e EF, obtiveram índices de monotongação que diferem, entre

si, 10 pontos percentuais. Tal resultado pode estar relacionado ao momento em que as duas amostras foram coletadas. No estudo de Araújo (2000), que obteve um índice de 58%, os dados foram coletados entre 1993 e 1995 e, no estudo de Cysne (2016), em que o índice foi 68%, os dados foram gravados entre 2003 e 2006, dez anos depois do primeiro. Logo, o aumento de dez pontos percentuais, nesse período, pode indicar uma possível mudança linguística em curso (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968).

Com isso, vamos à análise comparativa das variáveis testadas e selecionadas como relevantes em, no mínimo, quatro dos estudos primários, que investigaram a realização do ditongo [ej]. Cinco dessas variáveis são linguísticas e uma é social. O gráfico, na figura 16, mostra o número de estudos que selecionaram, cada uma dessas variáveis, como sendo significativas para a aplicação da regra de monotongação, com destaque para a variável *Contexto fonológico seguinte*, cujo efeito foi significativo em todos os trabalhos.

Figura 16: Número de estudos em que as variáveis foram relevantes para a monotongação do ditongo [ej]



A seguir, analisamos a variável *Contexto fonológico seguinte*, significativa em todos os estudos primários.

Tabela 20: Efeito dos fatores da variável Contexto fonológico seguinte sobre a monotongação do ditongo [ej]

Autor (ano)	Fatores da variável	Percentual de aplicação da regra	Peso relativo (P.R.)
Palladino Netto (1995)	Tepe	98% (592/606)	.98
	Fricativas	50% (52/103)	.11
	Nasais	27% (3/11)	.02
	Oclusivas	7% (18/251)	.01
Silva (1997)	Vibrante [r]	98% (1687/1714)	.99
	Fricativa [ʃ]	95% (350/367)	.93
	Fricativa [ʒ]	72% (38/53)	.69
	Oclusiva [g]	39% (7/18)	.33
	Vogal baixa [a]	12% (36/308)	.15
	Oclusiva [t]	2% (25/1629)	.01
	Vogal média [o]	1% (4/296)	.01
Araújo (1990)	Tepe [r]	89% (479/541)	.85
	Vogal baixa [a]	71% (34/48)	.61
	Oclusiva [g]	59% (10/17)	.47
	Fricativa [ʃ]	59% (62/105)	.46
	Fricativa [ʒ]	39% (23/59)	.18
	Nasal [n]	35% (7/31)	.12
Araújo (2000)	Tepe [r]	94% (1235/1313)	.82
	Fricativa [ʃ]	88% (138/156)	.89
	Vogais	29% (62/211)	.18
	Oclusiva [t]	3% (14/425)	.01
	Fricativa [ʒ]	74% (20/27)	.71
	Nasal [m]	13% (5/40)	.05
	Oclusiva [g]	22% (2/9)	.08
Lopes (2002)	Tepe [r]	98% (542/554)	.99
	Palatais [ʃ, ʒ]	96% (198/209)	.64
	Vogal baixa [a]	37% (37/100)	.05
	Bilabial [m]	1% (1/87%)	.00
Farias (2008)	Tepe [r]	82% (416/506)	.79
	Oclusiva [g]	68% (17/25)	.64
	Fricativa [ʃ]	51% (36/70)	.47
	Fricativa [ʒ]	47% (27/58)	.42
	Oclusiva [tʃ]	12% (4/36)	.10
	Vogal baixa [a]	2% (1/55)	.02
	Oclusiva [t]	1% (1/80)	.01
Toledo (2011)	Tepe [r]	96% (572/594)	.57
	Fricativa palatal	51% (89/172)	.25

Santos (2012)	Tepe [r]	82% (1273/1545)	.62
	Oclusiva [g]	58% (34/59)	.43
	Fricativa [ʃ]	61% (83/136)	.29
	Fricativa [ʒ]	48% (84/174)	.20
	Vogal baixa [a]	20% (28/143)	.08
Cysne (2016)	Tepe [r]	99% (859/863)	.52
Freitas (2017)	Tepe [r]	95% (374/392)	.85
	Fricativa	79% (116/146)	.67

A tabela 20 mostra que em todos os estudos o contexto fonológico seguinte tepe [r] – ou vibrante [r] no estudo de Silva (1997) – se apresenta como favorecedor da aplicação da regra de monotongação, com pesos relativos que variam entre .62 e .99 e uma taxa percentual de aplicação da regra entre 82% e 99%. Considerando os pesos relativos, as fricativas [ʃ] e [ʒ] ora favorecem a monotongação, ora a desfavorecem. As taxas percentuais variam entre 47% e 95%. Em Araújo (1999) a fricativa [s] bloqueou o fenômeno de forma categórica, assim como as africadas [tʃ] e [dʒ].

As oclusivas aparecem sempre como contextos desfavorecedores da aplicação da regra, exceto em Farias (2008), em que a oclusiva [g] apresenta um peso relativo de .64. Araújo (1999, p. 77) aponta a possibilidade de que o resultado do seu estudo, para a oclusiva [g], esteja enviesado devido à interferência do item lexical *manteiga*, haja vista que esse fator se refere, exclusivamente, a esse item lexical. O mesmo ocorreu no estudo de Farias (2008) e Santos (2012). Em Cysne (2016) o contexto [g] é categórico em favorecer a monotongação, contudo, em seu *corpus*, houve, apenas, uma ocorrência desse fator, também na palavra *manteiga*.

Algumas oclusivas impedem, de forma categórica, a aplicação da regra: [b] em Silva (1997), [t], [d] e [k] em Araújo (1999), [p], [d], [k] e [b] em Araújo (2000) e [t] em Cysne (2016). Em Lopes (2002) e Toledo (2011) as consoantes são agrupadas de acordo com o ponto de articulação e os contextos bloqueadores da regra são as dentais, velares e alveolares, no primeiro estudo, e as labiais, no segundo.

Com exceção de Araújo (1999), em que a vogal baixa [a] tem um peso relativo de .61 e uma taxa de aplicação da regra de 71% (34/48), as vogais desfavorecem a aplicação da regra e, em alguns casos, bloqueiam a monotongação, de forma categórica: [e], [i] e [u], em Silva (1997), [o] em Araújo (1999), as vogais posteriores em Lopes (2002), [i] e [u] em Farias (2008) e, nas análises de Toledo (2011) e Freitas (2017), todas as vogais.

As nasais, também inibem, ou até mesmo bloqueiam a aplicação da regra, como verificado com [m] em Araújo (1999) e Cysne (2016), [n] em Araújo (2000) e todas as nasais em Toledo (2011).

O contexto fonológico seguinte *pausa* é categórico no sentido de desfavorecer a monotongação em todos os estudos em que é considerado na análise (cf. ARAÚJO, 1999; ARAÚJO, 2000; LOPES, 2002; FARIAS, 2008; TOLEDO, 2011; FREITAS, 2017), exceto em Silva (1997), no qual a taxa de aplicação da regra diante de pausa é de apenas 5%, mostrando que, apesar desse contexto não impedir a monotongação, é um forte inibidor da aplicação da regra. Entretanto, o ditongo [ej] só tem como contexto fonológico seguinte a *pausa* quando ocorre em posição final de palavras como *lei*, *sei*, *peguei*, nas quais, geralmente a manutenção do ditongo é categórica ou quase categórica.

Ademais, os estudos primários não consideram a influência de fatores prosódicos, tais como, em que tipo de fronteira prosódica – palavra fonológica (ω), frase fonológica (ϕ), frase entoacional (I), enunciado entoacional (U) – a pausa foi identificada nos dados, haja vista que a pausa é uma das pistas mais importantes para a delimitação de fronteiras de domínios prosódicos, estando relacionada, inclusive, à percepção própria da fronteira prosódica (SERRA, 2010; SONCIN; TENANI; BERTI, 2017; TENANI, 2002). O estudo de Serra (2010), por exemplo, constatou que, em comparação com as fronteiras ω , a pausa é verificada com mais frequência em

fronteiras de I. A autora destaca, ainda, que I seria um domínio relevante para ocorrência de pausa no PB. Tenani (2002) aponta que as pausas tendem a ocorrer entre as fronteiras de I e de U, delimitando, assim, as fronteiras desses domínios prosódicos. Tenani (2002, p. 71) também verificou que há, relativamente, mais pausas entre constituintes que possuem, entre si, algum tipo de relação sintática ou semântica. Ainda segundo a mesma autora, “há adjacência prosódica, isto é, ausência de pausa, entre constituintes que ou não têm qualquer tipo de relação ou são relativamente longos”. Com isso passemos à análise da variável *Tonicidade da sílaba*.

Tabela 21: Efeito dos fatores da variável Tonicidade da sílaba sobre a monotongação do ditongo [ej]

Autor (ano)	Fatores da variável	Percentual de aplicação da regra	Peso relativo (P.R.)
Palladino Netto (1995)	Pretônica	57% (51/90)	.81
	Postônica	43% (9/21)	.77
	Tônica	46% (608/1316)	.47
Silva (1997)	Pretônica	55% (296/542)	.67
	Tônica	43% (1854/4370)	.48
Araújo (1999)	Tônica	83% (524/631)	.71
	Átona	54% (91/170)	.20
Araújo (2000)	Tônica	71% (1327/1871)	.54
	Pretônica	48% (149/310)	.27
Farias (2008)	Tônica (paroxítona)	62% (457/742)	.51
	Átona (pretônica)	53% (45/85)	.42
Cysne (2016)	Tônica	73% (872/1188)	.52
	Átona	49% (148/303)	.34
Freitas (2017)	Tônica	74% (432/586)	.56
	Átona	48% (66/136)	.24

De acordo com a tabela 21, os fatores da variável *Tonicidade da sílaba* não se comportam de maneira uniforme em todas as análises. Em dois, dos sete estudos (PALLADINO NETTO, 1995; SILVA, 1997), as sílabas tônicas (P.R. 47 e .48) desfavorecem a aplicação da regra – mas com os pesos relativos muito próximos do valor neutro (P.R. .50) –, enquanto, nos outros cinco, favorecem-na. De forma inversa,

a sílaba átona constitui um contexto que favorece a monotongação nos dois primeiros estudos, com pesos relativos entre .67 e .81. Já nos outros cinco, esse mesmo fator aparece desfavorecendo a aplicação da regra com pesos relativos que estão entre .20 e .42. É importante notar que os dois estudos (PALLADINO NETTO, 1995; SILVA, 1997), que apresentam resultados diferentes dos outros cinco, analisaram a variável *Tonicidade da sílaba* de forma diferente: Palladino Netto (1995) considera os fatores *pretônica*, *postônica* e *tônica*, já Silva (1997) analisa os fatores *pretônica* e *tônica*, não considerando sílabas postônicas, enquanto os demais estudos organizam a variável nos fatores *átona* e *tônica*. Por fim, Freitas (2017) associa seu resultado para essa variável ao fato de que a maioria das palavras, nas quais o ditongo [ej] ocorre na sílaba tônica, é seguido por um tepe, contexto fonológico seguinte altamente favorecedor da regra. Assim, nesse estudo, teríamos uma interação entre esta variável e o *Contexto fonológico seguinte*.

Tabela 22: Efeito dos fatores da variável Nível de escolaridade sobre a monotongação do ditongo [ej]

Autor (ano)	Fatores da variável	Percentual de aplicação da regra	Peso relativo (P.R.)
Silva (1997)	Não-escolarizados	45% (1845/4136)	.55
	Escolarizados (superior)	40% (305/766)	.24
Araújo (1999)	Não-escolarizados	83% (357/428)	.63
	Escolarizados (de 9 a 10 anos)	69% (258/373)	.35
Lopes (2002)	Não-escolarizados	56% (289/512)	.66
	Ensino fundamental (completo ou incompleto)	55% (278/508)	.51
	Ensino médio	49% (215/436)	.31
Farias (2008)	Fundamental (completo ou incompleto)	62% (394/635)	.54
	Superior	46% (108/234)	.38
Santos (2012)	Fundamental (4 anos)	82% (843/1032)	.64
	Superior	64% (659/1025)	.36
Cysne (2016)	Fundamental 1 (0-4 anos)	73% (336/463)	.56
	Médio (9-11 anos)	67% (340/508)	.48
	Fundamental 2 (5-9 anos)	66% (344/520)	.47

Segundo a tabela 22, os falantes não-escolarizados e com o

menor nível de escolaridade (ensino fundamental) são os que mais aplicam a regra de monotongação, enquanto, os falantes mais escolarizados (ensino médio e superior) desfavorecem a monotongação de [ej], com pesos relativos entre .24 e .48, indicando que a escola exerce uma influência sobre o comportamento linguístico do falante.

Tabela 23: Efeito dos fatores da variável Natureza morfológica do ditongo sobre a monotongação do ditongo [ej]

Autor (ano)	Fatores da variável	Percentual de aplicação da regra	Peso relativo (P.R.)
Palladino Netto (1995)	Radical	53% (424/798)	.65
	Sufixo	41% (244/589)	.31
Silva (1997)	Radical	56% (1445/2577)	.70
	Sufixo	30% (705/2325)	.28
Araújo (2000)	Morfema lexical	63% (1087/1725)	.52
	Morfema derivacional	96% (382/399)	.53
	Morfema flexional	12% (7/57)	.06
Lopes (2002)	Radical	55% (550/991)	.70
	Sufixo	50% (232/465)	.14
Toledo (2011)	Radical	90% (350/389)	.63
	Sufixo	82% (311/377)	.36

Quanto à *Natureza morfológica do ditongo*, a tabela 23 indica que os quatro estudos que consideraram apenas os fatores *radical* e *sufixo* indicam que o radical é o contexto que mais propicia a aplicação da regra de monotongação, com pesos relativos variando entre .52 e .70, enquanto os sufixos desfavorecem a aplicação da regra. No único estudo que dividiu os sufixos nas categorias *flexionais* e *derivacionais*, os primeiros desfavoreceram a aplicação da regra, sendo a manutenção do ditongo quase categórica nesse contexto. Já, quanto aos *derivacionais*, o mais recorrente, no qual [ej] ocorre, é o sufixo *eiro* (*a*) que favorece a monotongação, o que está associado à presença do tepe [r] que, em contexto fonológico seguinte, favorece, significativamente, a aplicação da regra (cf. PALLADINO NETTO, 1995; SILVA, 1997; ARAÚJO, 2000; TOLEDO, 2011) e pode explicar o fato de que, em Araújo (2000), os *sufixos derivacionais* favorecem a

aplicação da regra com uma taxa de 96%. Assim, os resultados dos estudos que consideraram todas as categorias de sufixos, como um único fator, sugerem uma maior frequência, nos dados, da categoria *sufixos flexionais*.

Tabela 24: Efeito dos fatores da variável Classe gramatical da palavra sobre a monotongação do ditongo [ej]

Autor (ano)	Fatores da variável	Percentual de aplicação da regra	Peso relativo (P.R.)
Farias (2008)	Adjetivo	67% (94/141)	.59
	Substantivo	62% (361/579)	.55
	Numeral	42% (13/31)	.35
	Verbo	29% (34/118)	.23
Toledo (2011)	Não-verbo	96% (627/652)	.60
	Verbo	30% (34/114)	.07
Santos (2012)	Numeral	93% (51/55)	.78
	Adjetivo	83% (163/197)	.60
	Verbo	59% (69/116)	.56
	Substantivo	72% (1219/1689)	.47
Cysne (2016)	Nome	75% (724/969)	.54
	Numeral	64 (154/240)	.49
	Verbo	49% (134/234)	.35

De acordo com a tabela 24, em três dos quatro estudos nos quais a variável *Classe Gramatical da palavra* foi selecionada, a aplicação da regra é desfavorecida em itens verbais com pesos relativos que variam entre .07 e .35, porém, o mesmo não se verifica em Santos (2012) em que a classe verbal favorece a monotongação. Contudo, não temos como verificar se os estudos analisaram o ditongo [ej] em todas as posições do verbo. Além do mais, o resultado do estudo de Santos (2012) pode estar relacionado ao tipo de registro de fala analisado, que inclui questionários fonético-fonológicos que, segundo a autora, requerem respostas óbvias e, portanto, rápidas e diretas, geralmente um substantivo – o que explica a alta frequência, no *corpus*, de substantivos (1689) quando comparada à frequência dos verbos (116) – e questionários semântico-lexicais, nos quais, de acordo com os exemplos apresentados pela autora, não há

grande incidência de verbos na 1ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo (ex.: *falei, sei, peguei*), nos quais o ditongo é mantido de forma categórica ou quase categórica. De outro modo, no estudo de (TOLEDO, 2011) que organiza essa variável em apenas dois grupos, *verbo* e *não-verbo*, os verbos desfavorecem significativamente a aplicação da regra (P.R. .07). Resultado que o autor, ao quantificar os itens lexicais verbais, associa à alta frequência dos itens *sei* e *fiquei* – verbos na 1ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo.

Considerando que o ditongo [ej] em verbos na 1ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo ocorre no morfema flexional, pode haver uma interação entre essa variável e a variável *Natureza morfológica do ditongo*. Assim sendo, na análise realizada por Toledo (2011), que inclui essas duas variáveis pode haver risco de não ortogonalidade entre as mesmas. Por fim, também poderia haver uma interação dessa variável com a variável *Tipo de registro* no trabalho de Cysne (2016), que analisou dados das seguintes modalidades de registro: DID, D2 e EF, visto que, normalmente, em enunciados como elocuições formais não há verbos em 1ª pessoa. Todavia, o tipo de registro não foi analisado como uma variável previsora por esse autor.

A classe numeral se comporta de forma diversa em cada estudo, a classe *adjetivo*, por sua vez, aparece em apenas dois estudos favorecendo a aplicação da regra (P.R. .59 e .60). Por fim, os substantivos apresentam pesos relativos próximos ao valor neutro (P.R. .47, .49, .55).

Farias (2008) aponta que o resultado encontrado para a classe gramatical *adjetivo* pode estar associado ao fato de que a ocorrência de palavras, nessa classe, está restrita a palavras como *traseira* e *dianteira* formadas por um sufixo com um tepe posterior ao ditongo, fator que se mostrou determinante na monotongação de [ej]. O mesmo, segundo a autora, pode ser dito da classe substantivo quando se considera a ocorrência de palavras como *prateleira* e

parteira. Santos (2012) também apresenta a possibilidade do alto índice de aplicação da monotongação em numerais estar associado à ocorrência das palavras *primeiro* e *terceiro*.

Tabela 25: Efeito dos fatores da variável Número de sílabas da palavra sobre a monotongação do ditongo [ej]

Autor (ano)	Fatores da variável	Percentual de aplicação da regra	Peso relativo (P.R.)
Palladino Netto (1995)	Dissílaba	18% (55/310)	.67
	Trissílaba	61% (439/720)	.47
	Polissílaba	72% (174/241)	.38
Araújo (2000)	Polissílaba	77% (449/585)	.62
	Trissílaba	72% (846/1178)	.49
	Dissílaba	43% (181/418)	.36
Farias (2008)	Polissílabas	78% (212/273)	.71
	Trissílabas	64% (217/340)	.56
	Dissílabas	29% (73/256)	.22
Cysne (2016)	Dissílaba	70% (221/314)	.55
	Trissílaba	75% (622/843)	.50
	Polissílaba	66% (177/270)	.45

No que se refere à variável *Número de sílabas da palavra*, segundo os estudos de Araújo (2000) e Farias (2008) as palavras com maior número de sílabas favorecem a monotongação (P.R. .62 e .71), enquanto as palavras com apenas duas sílabas desfavorecem a aplicação da regra com pesos relativos .22 e .36. (cf. tabela 25). Quando observamos os percentuais de aplicação da regra os resultados de Palladino Netto (1995) estão de acordo com os dois supracitados, entretanto, os pesos relativos contrariam os valores percentuais, o que nos leva a considerar a possibilidade de que tenha ocorrido uma interação entre essa e outra variável que também influenciou a monotongação de [ej]. Apesar de o autor apontar tal hipótese (PALLADINO NETTO, 1995) isso não foi verificado no estudo. Não obstante, seria possível a ocorrência de uma interação entre esta variável e a *Natureza morfológica do ditongo* – não apenas neste, mas também no estudo de Araújo (2000) que incluiu, em sua análise, as duas variáveis – haja vista que quando o ditongo está num

morfema sufixal como *-eiro (a)*, geralmente, a palavra é trissílaba ou polissílaba. Apesar de observarmos, na análise da variável *Natureza morfológica do ditongo* que os sufixos tendem a desfavorecer a aplicação da regra, os resultados de Araújo (2000) indicam que quando os sufixos derivacionais e flexionais são analisados como dois fatores distintos a primeira categoria, em que *-eiro (a)* se encaixa, favorece a aplicação da regra (96%).

Quanto aos resultados encontrados por Cysne (2016), os valores percentuais estão muito próximos entre si e os pesos relativos próximos do valor neutro (P.R. .45, .50 e .55). A aplicação da regra é bloqueada de forma categórica em palavras monossílabas (cf. PALLADINO NETTO, 1995; ARAÚJO, 2000; CYSNE, 2016). Farias (2008) não considerou esse fator em sua análise. Na próxima seção, analisamos os resultados obtidos pelos estudos que analisaram a monotongação do ditongo [ow].

6.3 Análise dos dados sobre a monotongação do ditongo [ow]

O ditongo [ow] foi analisado em sete dos doze estudos primários desta revisão sistemática, contudo, em Carvalho (2007) não há uma análise individual, do ditongo em questão, que produza dados comparáveis com os dos demais estudos, logo, analisamos dados de seis trabalhos. Examinamos, inicialmente, os percentuais de aplicação da regra de monotongação em cada estudo, considerando a cidade ou cidades abrangidas e, na sequência, as variáveis testadas e selecionadas como sendo significativas em, pelo menos, dois dos seis estudos, de modo a dispormos de dados de, pelo menos, mais um estudo, com os quais cada resultado possa ser comparado, quando discutirmos o efeito dos fatores componentes dessas variáveis sobre a monotongação do ditongo [ow].

A tabela 26 apresenta os percentuais de aplicação da regra de

monotongação, do ditongo [ow], verificados em cada cidade, além do cálculo da média aritmética (MA) entre os percentuais, o desvio absoluto (DA) de cada percentual em relação à média, além do desvio médio absoluto (DMA).

Tabela 26: Taxa de aplicação da regra de monotongação do ditongo [ow] por cidade

Autor (ano)	Região geográfica abrangida	Taxa de aplicação da regra por cidade	Desvio absoluto
Palladino Netto (1995)	Rio de Janeiro-RJ	87% (945/1087)	3
Cabreira (1996)	Porto Alegre-RS	96% (1168/1215)	6
	Florianópolis-SC	96% (1365/1427)	6
	Curitiba-PR	95% (1089/1144)	5
Silva (1997)	João Pessoa-PB	99% (4900/4967)	9
Araújo (2000)	Fortaleza-CE	85% (1387/1628)	5
Lopes (2002)	Altamira-PA	95% (1335/1405)	7
Freitas (2017)	Uberaba-MG	70% (269/384)	20
		MA: 90%	DMA: 7,6

A tabela 26 indica que os percentuais de aplicação da regra de monotongação estão próximos a 100%, com exceção do estudo de Freitas (2017), esses índices estão entre 85% e 99%, sendo que média entre esses valores é de 90%, com um DMA de, apenas 7,6 pontos percentuais que seria ainda menor se não incluíssemos o estudo de Freitas (2017), sobre a cidade de Uberaba, cujo desvio absoluto em relação à média é 20 pontos percentuais, possuindo o menor índice de aplicação da regra (70%). Os maiores índices foram verificados em João Pessoa (99%) e nas cidades da região sul: Florianópolis (96%) e Porto Alegre (96%). Isto posto, vamos a análise comparativa dos efeitos dos fatores das variáveis selecionadas como significativas em pelo menos dois desses estudos, um total de cinco variáveis, nomeadamente, *Contexto fonológico seguinte*, *Contexto fonológico precedente*, *Tonicidade da sílaba*, *Nível de escolaridade do informante* e *Tipo de registro*.

MONOTONGAÇÃO DE DITONGOS ORAIS NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Tabela 27: Efeito dos fatores da variável Contexto fonológico seguinte sobre a monotongação do ditongo [ow]

Autor (ano)	Fatores da variável	Percentual de aplicação da regra	Peso relativo (P.R.)
Silva (1997)	Vogal baixa [a]	99% (646/651)	.64
	Nasal [m]	99% (569/573)	.63
	Fricativa [s]	99% (220/223)	.49
	Lateral [l]	99% (104/105)	.48
	Oclusiva [p]	98% (2361/2398)	.47
	Pausa [#]	96% (54/56)	.30
	Fricativa [v]	92% (185/200)	.18
Araújo (2000)	Oclusiva [k]	84% (220/247)	.83
	Fricativa [ʃ]	67% (4/6)	.80
	Pausa	96% (210/219)	.64
	Lateral [l]	95% (40/42)	.64
	Fricativa [z]	59% (22/37)	.49
	Oclusiva [t]	83% (304/368)	.33
	Fricativa [v]	50% (59/118)	.31
	Fricativa [s]	53% (47/88)	.22
	Oclusiva [b]	29% (5/17)	.09
	Fricativa [f]	33% (4/12)	.03
Lopes (2002)	Velar [k]	93% (165/177)	.87
	Bilabial [p, b]	98% (213/218)	.86
	Labiodental [f, v]	88% (99/113)	.58
	Tepe [r]	86% (12/14)	.40
	Dental [t, d]	93% (297/320)	.25
	Alveolar [s, z, n, l]	92% (140/153)	.19
	Pausa	99% (141/143)	.19
Freitas (2017)	Tepe [r]	91% (10/11)	.86
	Oclusiva	72% (243/338)	.51

A monotongação do ditongo [ow] é categórica em vários contextos e quase categórica outros, ocorrendo independentemente do contexto fonológico seguinte, como apontado por Paiva (1996), Silva (1997) e Lopes (2002). A regra foi aplicada de forma categórica, em Silva (1997), diante dos fatores: [g], [ʒ], [r], [f], [x], [ʃ], [ʎ] e [z] e, em Araújo (2000), diante dos fatores [ʎ], [p], [d], [n], [m] e [r].

De acordo com a tabela 27, os pesos relativos não estão bem alinhados com os percentuais de aplicação da regra nos resultados de Araújo (2000), nem de Lopes (2002). No entanto, como a taxa de monotongação desse ditongo é muito alta, para analisar esses

resultados e averiguar as diferenças entre os fatores, as autoras, utilizam, apenas os pesos relativos, o que também é feito no estudo de Silva (1997). Nenhum dos estudos verificou a existência de uma interação entre esta e alguma outra variável.

Considerando apenas os pesos relativos, como sugerido pelas autoras dos estudos, notamos que, com exceção do resultado encontrado por Lopes (2002), o tepe [r], ou a vibrante [r], é um contexto fonológico seguinte que favorece a monotongação de [ow] de forma categórica (SILVA, 1997; ARAÚJO, 2000) ou quase categórica (FREITAS, 2017). A oclusiva [k] também aparece como um contexto favorecedor do fenômeno, com pesos relativos entre .83 e .87, bem como fricativa [ʃ]. Já as demais fricativas, as oclusivas e a pausa, dependendo do estudo, ora favorecem, ora desfavorecem a monotongação. Freitas (2017, p. 64) aponta as fricativas como um fator em que a taxa de aplicação da regra é de apenas 45% (16/35), entretanto seu peso relativo não é reportado. Por fim, é importante destacar que nenhum fator bloqueou, categoricamente, a aplicação da regra de monotongação desse ditongo.

Tabela 28: Efeito dos fatores da variável *Nível de escolaridade* sobre a monotongação do ditongo [ow]

Autor (ano)	Fatores da variável	Percentual de aplicação da regra	Peso relativo (P.R.)
Cabreira (1996)	Ginásio (8 anos)	97% (1304/1341)	.58
	Primário (4 anos)	96% (1277/1336)	.51
	2º grau (11 anos)	94% (1041/1109)	.39
Silva (1997)	Analfabeto	99% (1129/1135)	.66
	Ginásio (8 anos)	99% (1319/1330)	.60
	Primário (4 anos)	99% (998/1012)	.44
	2º grau (11 anos)	98% (694/706)	.42
Lopes (2002)	Não-escolarizados	99% (432/437)	.82
	Ensino fundamental (completo ou incompleto)	97% (514/530)	.53
	Ensino médio	89% (391/438)	.17

MONOTONGAÇÃO DE DITONGOS ORAIS NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Freitas (2017)	Médio	86%	.77
	Fundamental	63%	.64
	Superior incompleto	71%	.40
	Superior completo	49%	.20

Conforme a tabela 28, falantes não escolarizados (P.R. .66 e P.R. .82) são os que mais favorecem a monotongação de [ow], não obstante, estudantes do antigo ginásio – ensino fundamental – (P.R. .58 e .60) favorecem a aplicação da regra mais do que os do primário (P.R. .51 e P.R. .44) que possuem pesos relativos próximos do valor neutro. Com exceção do que foi constatado no estudo de Freitas (2017), no qual os falantes do ensino médio foram os que mais favoreceram a monotongação, os informantes que estudaram até o ensino médio, nos demais estudos (P.R. .17, .39 e .42) desfavorecem o fenômeno, assim como aqueles com ensino superior, completo ou incompleto (P.R. .20, .26, .40).

Tabela 29: Efeito dos fatores da variável *Contexto fonológico precedente* sobre a monotongação do ditongo [ow]

Autor (ano)	Fatores da variável	Percentual de aplicação da regra	Peso relativo (P.R.)
Silva (1997)	Vibrante [r]	100% (269/270)	.71
	Vogal baixa [a]	99% (521/526)	.67
	Nasal [n]	99% (281/283)	.57
	Oclusiva [d]	99% (1856/1880)	.49
	Fricativa [s]	99% (1688/1708)	.45
	Lateral [l]	98% (126/129)	.34
	Vogal alta [i]	89% (56/63)	.05
Araújo (2000)	Tepe [r]	95% (79/83)	.85
	Vogais	93% (244/263)	.82
	Oclusiva [g]	97% (28/29)	.81
	Oclusiva [d]	78% (50/64)	.80
	Fricativa [z]	83% (60/72)	.67
	Oclusiva [t]	98% (62/63)	.66
	Pausa	47% (8/17)	.46
	Fricativa [s]	69% (45/65)	.26
	Lateral [l]	87% (39/45)	.23
	Oclusiva [p]	85% (188/220)	.21
	Fricativa [v]	26% (20/57)	.15
	Oclusiva [k]	72% (28/39)	.12
	Oclusiva [b]	24% (12/51)	.05

Lopes (2002)	Tepe [r]	97% (73/75)	.83
	Pausa	96% (25/26)	.70
	Velar [k, g]	99% (145/146)	.66
	Vogal	96% (176/184)	.66
	Dental [t, d]	99% (218/221)	.65
	Alveolar [s, z]	97% (337/348)	.59
	Labiodental [f, v]	86% (123/143)	.19
	Bilabial [p, b, m]	88% (145/165)	.13
	Glotal	91% (50/55)	.12

A tabela 29 indica que também há um desalinhamento entre os pesos relativos dos fatores e os valores percentuais de aplicação da regra de monotongação do ditongo [ow] nos estudos de Araújo (2000) e Lopes (2002), como ocorreu com a variável *Contexto fonológico seguinte*, e as três autoras, novamente, informam que, devido as altas taxas de aplicação da regra nesse ditongo, consideraram, em suas análises, apenas, o peso relativo.

Observando os pesos relativos, na tabela 29, o tepe [r] – ou a vibrante [r] em Silva (1997) –, é o contexto fonológico precedente que mais favorece a monotongação, com pesos relativos entre .71 e .85. As vogais também aparecem como contextos favorecedores, assim como a oclusiva [g]. A pausa, com exceção do estudo de Araújo (2000), no qual teve um peso relativo quase neutro (P.R. .46), também favorece a aplicação da regra, de forma categórica em Silva (1997) e quase categórica em Lopes (2002), com um peso relativo de .70 e uma taxa de aplicação da regra de 96%.

Lopes (2002) analisa os contextos fonológicos precedentes em pares ou trios, de acordo com o ponto de articulação, e não de forma individual, como Silva (1997) e Araújo (2000), chegando, assim, a alguns resultados diferentes destes últimos, tais como a nasal bilabial [m] e a fricativa [f] desfavorecendo a monotongação, enquanto em Silva (1997) e em Araújo (2000), esses fatores favorecem o fenômeno de forma categórica. Em Silva (1997) os fatores [ʃ], [ʒ], [ɲ], [o] e [u], da variável *Contexto fonológico precedente*, também foram categóricos em favorecer a monotongação, bem como os

fatores [ʒ], [ʃ], [n], [ɲ] e [ʎ], em Araújo (2000). As oclusivas bilabiais [p] e [b] e a fricativa [v] são os únicos contextos reportados apenas como desfavorecedores da regra, já os demais fatores se comportam de forma diferente nos estudos.

Tabela 30: Efeito dos fatores da variável Tonicidade da sílaba sobre a monotongação do ditongo [ow]

Autor (ano)	Fatores da variável	Percentual de aplicação da regra	Peso relativo (P.R.)
Cabreira (1996)	Tônica	99% (3205/3241)	.56
	Derivados de tônicas (átona)	75% (95/126)	.26
	Átona	77% (322/419)	.16
Silva (1997)	Tônica	99% (4719/4770)	.52
	Pretônica	92% (181/197)	.17
Araújo (2000)	Tônica	86% (807/939)	.56
	Pretônica	50% (108/215)	.26

A tabela 30 mostra que as sílabas átonas desfavorecem a aplicação da regra de monotongação, com pesos relativos entre .16 e .26, enquanto as sílabas tônicas a favoreceram. Todavia, os pesos relativos das sílabas tônicas estão muito próximos a um valor de efeito neutro, entre .52 e .56, indicando que as sílabas tônicas não exercem grande influência na aplicação da regra. Ademais, o estudo de Cabreira (1996) que analisou os ditongos átonos divididos em duas categorias: *ditongo derivado deônico* (como ocorre em *açougueiro*, palavra derivada de *açougue*, na qual o ditongo éônico) e *ditongo átono permanente* (como em *outono*), apontou que as duas categorias desfavorecem, quase da mesma forma a aplicação da regra, sendo que o ditongo átono permanente é o que mais desfavorece a monotongação do ditongo [ow].

Tabela 31: Efeito dos fatores da variável Tipo de registro sobre a monotongação do ditongo [ow]

Autor (ano)	Fatores da variável	Percentual de aplicação da regra	Peso relativo (P.R.)
Paladino Netto (1995)	D2	97% (344/354)	.73
	DID	94% (285/304)	.42
	EF	86%(316/369)	.34
Araújo (2000)	D2	81% (381/468)	.58
	DID	79% (232/293)	.55
	EF	77% (302/392)	.37

A tabela 31 mostra que o diálogo entre dois informantes (D2), com pesos relativos de .73 e .58, é o contexto que mais favorece a aplicação da regra de monotongação do ditongo [ow], enquanto a elocução formal (EF) é um contexto desfavorecedor da monotongação, indicando o efeito do grau de formalidade no fenômeno em questão. De acordo com os resultados apresentados na tabela 31, quanto maior o nível de formalidade (EF), menor a probabilidade de ocorrer a monotongação.

6.4. Síntese dos resultados: quadro unificado da monotongação dos ditongos orais [aj], [ej] e [ow] no PB

Nesta seção, apresentamos um quadro unificado da monotongação de cada ditongo oral ([aj], [ej] e [ow]), analisado nos estudos primários desta revisão sistemática, a partir dos principais resultados verificados na análise desenvolvida nas subseções 6.1, 6.2 e 6.3, bem como as considerações feitas a respeito desses resultados. Por fim, sintetizaremos esses dados no quadro 7, na subseção 6.4.4.

6.4.1. Monotongação do ditongo [aj]

A monotongação do ditongo [aj], apesar de ter sido analisada em apenas três estudos, parece estar condicionada pelo *Contexto*

fonológico seguinte fricativa [ʃ], já que os demais fatores dessa variável inibem e, mais comumente, bloqueiam de forma categórica a monotongação.

O efeito dos fatores da variável *Contexto fonológico precedente* depende do contexto fonológico seguinte [ʃ] condicionante da monotongação: os maiores percentuais de monotongação foram verificados nos contextos fonológicos precedentes [f] (93% e 72%), [b] (55% e 84%) e [k] (47% e 82%) que ocorrem em palavras como *faixa*, *baixo* e *caixa*, nas quais o contexto fonológico seguinte é a fricativa [ʃ]. A variável *Tonicidade da sílaba* apresentou resultados divergentes nos dois estudos em que foi selecionada como significativa, portanto, não podemos fazer generalizações quanto ao efeito dos fatores dessa variável sobre a monotongação do ditongo [aj].

6.4.2 Monotongação do ditongo [ej]

A taxa média de aplicação da regra de monotongação do ditongo [ej] foi 61%, sendo que os maiores percentuais foram constatados em cidades da região norte (77%, 78% e 79%) do país e o menor numa cidade do sul (37%), caracterizando uma possível variação diatópica e apontando para a importância da inclusão da variável *Localidade geográfica* no estudo da monotongação de [ej] no PB.

A variável *Contexto fonológico seguinte* foi considerada relevante em todos os estudos, e seus fatores foram condicionantes para a aplicação da regra: o tepe sempre aparece favorecendo-a e as vogais e pausas desfavorecendo-a, sendo que a pausa, geralmente, bloqueia, de forma categórica, a aplicação da regra. As oclusivas, com exceção de [g], também tendem a desfavorecer a regra. Enfim, os contextos [b], [p], [d], [k] e [t] aparecem como bloqueadores

categoricos da monotongação de [ej] e as fricativas se comportam de forma diferente nos estudos.

Quanto à *Natureza morfológica do ditongo*, os estudos que analisaram essa variável organizada em apenas dois fatores (*radical* e *sufixo*) indicam que a aplicação da regra é favorecida quando o ditongo está no radical da palavra e desfavorecida quando está num sufixo. No único estudo que dividiu os sufixos nas categorias *flexionais* e *derivacionais*, os primeiros desfavoreceram a aplicação da regra, sendo a manutenção do ditongo [ej] quase categórica nesse contexto, ao passo que os sufixos derivacionais favoreceram a monotongação.

Os fatores da variável *Tonicidade da sílaba* e *Classe gramatical da palavra* se comportam de forma diferente nos estudos. Contudo, nos cinco estudos que analisaram a *Tonicidade da sílaba* considerando apenas os fatores *átona* e *tônica*, as sílabas átonas desfavorecem a monotongação e as tônicas a favorecem. Os itens verbais tendem a desfavorecer a aplicação da regra, enquanto os adjetivos tendem a favorecer a monotongação.

A variável *Número de sílabas da palavra* também apresentou resultados controversos, mas palavras polissílabas tendem a favorecer a monotongação, enquanto palavras dissílabas a desfavorecer. Já as palavras monossílabas, por sua vez, bloqueiam a aplicação da regra categoricamente.

A análise da variável *Nível de escolaridade* mostrou que os falantes não-escolarizados ou menos escolarizados são os que mais aplicam a regra, enquanto os mais escolarizados, com ensino médio e superior, possuem os menores índices de aplicação.

6.4.3 Monotongação do ditongo [ow]

A taxa média de aplicação da regra de monotongação do ditongo [ow] foi 90%, sendo que o menor índice de aplicação da

regra (70%) ocorreu em Uberaba-MG e os maiores índices foram constatados em João Pessoa (99%) e nas cidades da região sul: Florianópolis (96%) e Porto Alegre (96%).

A monotongação do ditongo [ow] é categórica em vários contextos e quase categórica outros, ocorrendo independentemente do contexto fonológico seguinte e precedente. Ainda assim, essas duas variáveis exercem algum efeito sobre monotongação de [ow]. Com exceção do resultado verificado em um dos estudos, o [r] é um contexto fonológico seguinte que favorece a monotongação de [ow] de forma categórica ou quase categórica. Os fatores [k], [g], [m] e [ʃ] também são contextos favorecedores do fenômeno. Os fatores [ʒ], [x], [ʎ] apareceram, apenas, favorecendo a aplicação da regra de forma categórica e os demais fatores da variável *Contexto fonológico seguinte* apresentaram resultados divergentes.

A análise do *Contexto fonológico precedente* mostrou que o tepe é o fator que mais favorece a monotongação. As vogais, a oclusiva [g] e a pausa também tendem a favorecer a aplicação da regra. Os fatores [f], [ʃ], [ʒ], [ʎ], [ɲ], [o], [m] e [u], da variável *Contexto fonológico precedente* foram categóricos em favorecer a monotongação. As oclusivas bilabiais [p] e [b] e a fricativa [v] são os únicos contextos reportados, apenas, como desfavorecedores da regra, já os demais fatores se comportam de forma diferente nos estudos.

Quanto à *Tonicidade da sílaba*, a aplicação da regra é desfavorecida em sílabas átonas e favorecida em sílabas tônicas, entretanto, os pesos relativos das sílabas tônicas estão muito próximos a um valor de efeito neutro (entre .52 e .56), indicando que as sílabas tônicas não exercem grande influência na aplicação da regra.

Os falantes não escolarizados são os que mais aplicam a regra de monotongação de [ow], enquanto aqueles que cursaram o ensino médio ou superior tendem a desfavorecer a aplicação

da regra. A análise da variável *Tipo de registro* indicou que a monotongação é favorecida por situações de fala mais informais (D2), assim, quanto menor for o grau de formalidade, maior é a probabilidade de ocorrer a monotongação de [ow].

6.4.4 Quadro unificado da monotongação dos ditongos [aj], [ej] e [ow]

O quadro 7 sintetiza os dados sobre o efeito dos fatores das variáveis sobre a aplicação da regra de monotongação de cada ditongo: [aj], [ej] e [ow]. Fatores que se comportaram de forma divergente nos estudos não estão incluídos no quadro, dado que não é possível classificá-los apenas como fatores favorecedores ou desfavorecedores.

Quadro 7: Síntese dos dados - quadro unificado da monotongação de [aj], [ej] e [ow] - fatores favorecedores e desfavorecedores

Ditongo	Variável	Fatores favorecedores	Fatores desfavorecedores	Observações
[aj]	Contexto fonológico seguinte	[j]	demais contextos	[j] é um fator condicionante da monotongação de [aj]
[ej]	Contexto fonológico seguinte	[r]	[b], [p], [d], [k], [t], vogais e pausa	[b], [p], [d], [k], [t] bloqueiam, categoricamente, a monotongação de [ej]
	Natureza morfológica	Radical	Sufixo flexional	
	Número de sílabas		Monossílabos	Os monossílabos bloqueiam a monotongação de [ej]
	Nível de escolaridade	Não-escolarizados / ensino fundamental	Ensino médio / superior	

[ow]	Contexto fonológico seguinte	[r], [k], [g], [ʃ], [ʒ], [ʎ], [m], [x]		Diante desses fatores a regra da monotongação pode ser aplicada categoricamente
	Contexto fonológico precedente	[g], [f], [ʃ], [ʒ], [ʎ], [n], [m], [o], [u]	[p], [b], [v]	[f], [ʃ], [ʒ], [ʎ], [n], [m], [o], e [u] favorecem a monotongação de forma categórica.
	Tonicidade da sílaba	Sílabas tônicas	Sílabas átonas	
	Nível de escolaridade	Não escolarizados	Ensino médio / superior	
	Tipo de registro	Diálogo entre dois informantes (D2)	Eloquções formais (EF)	

Além dos dados resumidos no quadro 7, destaca-se a importância da variável *Localidade geográfica*, evidenciada pelos resultados desta revisão sistemática, na análise da monotongação do ditongo [ej], que constatou os maiores índices do fenômeno na região norte do país e os menores na região sul, apontando, assim, a existência de uma variação diatópica. Contudo, tal resultado pode também estar relacionado ao fato de na região norte a população ter menos acesso à escolarização. Dessa forma, pode haver uma sobreposição da influência do nível de escolaridade dos informantes na localização geográfica, já que o estudo de Santos (2012) sobre capitais da região norte indicou que o maior índice de aplicação da regra ocorreu entre os falantes menos escolarizados (82%). Todavia, se compararmos o índice de monotongação constatado por Santos (2012) entre os falantes com ensino superior (64%), notamos que esse índice ainda é bem maior do que taxa geral de monotongação de 37% verificada por Toledo (2011) em Porto Alegre-RS, reforçando a hipótese da variação diatópica. No capítulo 7, tecemos algumas considerações finais.